

Resumo: O estudo discute coleções pessoais integradas às universidades como patrimônio documental, evidenciando seu valor para pesquisa, memória institucional e produção científica. Essas coleções refletem escolhas intelectuais de pesquisadores e professores, bem como os contextos sociais, culturais e políticos de suas trajetórias, funcionando como testemunhos materiais do saber. Disponibilizadas em instituições acadêmicas, oferecem perspectivas singulares sobre práticas de leitura, redes de sociabilidade e circulação de ideias e de conhecimento. O estudo empírico foca na Bibliothèque des livres rares et collections spéciales, da Université de Montréal, reconhecida por suas estratégias de preservação e acesso ao patrimônio bibliográfico. A pesquisa envolveu observação direta, análise documental e entrevistas com bibliotecários, revelando como a instituição enfrenta os desafios contemporâneos de preservação e acesso do público acadêmico e da sociedade. Os resultados fornecem subsídios para qualificar práticas de gestão de coleções pessoais e especiais no contexto universitário.

Palavras-chave: Coleções pessoais; Memória institucional; Patrimônio documental.

Abstract: The research discusses personal collections integrated into universities as documentary heritage, highlighting their value for research, institutional memory, and scientific production. These collections reflect the intellectual choices of researchers and professors, as well as the social, cultural, and political contexts of their trajectories, functioning as material testimonies of knowledge. When made available in academic institutions, they offer unique perspectives on reading practices, social networks, and the circulation of ideas and knowledge. The empirical study focuses on the Bibliothèque des livres rares et collections spéciales at the Université de Montréal, recognized for its strategies in preserving and providing access to bibliographic heritage. The research involved direct observation, document analysis, and interviews with librarians, revealing how the institution addresses contemporary challenges of preservation and access for both the academic public and society. The findings provide guidance for improving the management of personal and special collections in the university context.

Keywords: Personal collections; Institutional memory; Documentary heritage.

1. Introdução

À memória que o livro transmite, por assim dizer, de propósito, acrescenta-se a memória da qual emana, enquanto coisa física, o perfume da história de que ele está impregnado.

Umberto Eco

A relevância das coleções pessoais institucionalizadas por universidades, especialmente aquelas incorporadas ao patrimônio documental das instituições acadêmicas, tem-se afirmado como objeto de interesse crescente no âmbito da história cultural do livro e dos estudos sobre sua materialidade, no Brasil, notadamente a partir da década de 1970. Para além de seu valor mercadológico, tais acervos revelam-se fundamentais para a constituição, expansão e qualificação do patrimônio bibliográfico e documental universitário, consolidando-se como um campo de investigação promissor, cujas potencialidades epistemológicas e historiográficas têm sido amplamente reconhecidas.

É notório que pesquisadores, docentes e cientistas, ao longo de suas trajetórias profissionais e pessoais, adquirem obras que refletem não apenas suas escolhas intelectuais, áreas de interesse e gostos literários, mas também registram testemunhos dos contextos familiares, sociais, culturais e políticos nos quais estão ou estiveram inseridos. Afinal, os livros contam histórias, e “sua finalidade é entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990:65). Suas coleções constituem-se como repositórios de conhecimento, muitas vezes únicos, revelando redes de sociabilidade acadêmica, práticas de leitura, hábitos e circulação de idéias (HEYMANN, 2014).

A disponibilização de coleções pessoais em instituições acadêmicas confere acesso a um vasto repositório de conhecimento, destacado por suas particularidades inerentes. Tais coleções não se restringem a meras manifestações de interesse individual pela leitura e pelo saber; oferecem, por outro lado, perspectivas singulares sobre o conhecimento, emergindo de uma compreensão aprofundada e única desenvolvida por seus proprietários.

No contexto universitário, esses acervos têm sido reconhecidos como elementos importantes para a constituição da memória institucional, dada sua capacidade de preservar trajetórias intelectuais, documentar práticas pedagógicas e delinear redes de produção e circulação do conhecimento científico. Desse modo, é possível reconstituir percursos biográficos, identificar padrões de colaboração e elucidar os processos pelos quais as idéias foram disseminadas, apropriadas e transformadas em distintos momentos históricos.

Reconhecendo a relevância desses acervos para a valorização do patrimônio documental e o fortalecimento das políticas de preservação da memória científica e literária, esta pesquisa foca na análise das práticas de preservação, gestão e acesso empregadas por bibliotecas universitárias com coleções pessoais de livros raros e especiais. Com o intuito de explorar diversas experiências e compreender as estratégias de salvaguarda aplicadas, este artigo apresenta algumas considerações sobre um estudo realizado em uma universidade canadense.

A investigação concentrou-se na pesquisa *in loco* realizada na Bibliothèque des livres rares et collections speciales (BLRCS) da Université de Montréal (UdeM) que custodia coleções de grande valor histórico, literário, cultural e acadêmico canadenses, com especial destaque para acervos em língua francesa. O estudo buscou compreender como essa instituição enfrenta os desafios contemporâneos relacionados à conservação, à gestão e ao acesso. Também procurou analisar as estratégias voltadas para a valorização da memória documental, a promoção do acesso e o estímulo ao interesse tanto da comunidade acadêmica quanto do público em geral.

A seleção dessa instituição se deu em razão da relevância de suas coleções patrimoniais para a memória institucional e história canadense, bem como do reconhecimento de suas práticas de gestão, preservação e mediação documental no contexto universitário da província do Québec. A pesquisa envolveu observação direta, análise documental e entrevistas com bibliotecários responsáveis pela curadoria e gestão das coleções. Esse conjunto de procedimentos permitiu uma leitura situada das práticas institucionais e favoreceu o levantamento de elementos que possam subsidiar ações em contextos institucionais diversos, por ocasião da atuação da pesquisadora como professora visitante na École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information da Universidade de Montréal.

2. Coleções pessoais, conhecimento e produção do saber

A formação de coleções pessoais não é uma atividade recente, tampouco rara. Desde a Antiguidade, já se praticava o colecionismo de livros e outros objetos relacionados ao conhecimento. Entretanto, é a partir do final do século XVIII, no chamado *siècle des Lumières*, que ocorre uma transformação significativa na maneira como os impressos são percebidos, utilizados e colecionados. Nesse contexto, a prática de colecionar livros e manter bibliotecas pessoais adquire novo significado, alinhando-se aos ideais iluministas de disseminação do saber e emancipação intelectual.

Entre os séculos XVIII e XIX, com os avanços tecnológicos impulsionados pela Revolução Industrial e a produção mecanizada de livros e de outras publicações impressas em larga escala, observou-se um crescimento efetivo da atividade editorial. Esse cenário contribuiu para outros fatores, como: o desenvolvimento das classes emergentes e a formação de uma elite urbana; o crescimento das universidades, que proporcionou maior consumo cultural, intelectual, técnico e científico; o impulsionamento de um comércio editorial mais dinâmico e com diversidade de gêneros; e, especialmente, um mercado leitor crescente, além de uma maior circulação de ideias e debates sociais, políticos e culturais.

Nessa perspectiva, as questões discutidas no âmbito da história cultural recente têm provocado várias possibilidades de estudos, renovando abordagens historiográficas e ampliando campos de investigação. Entre essas questões, a prática do colecionismo e os estudos sobre a materialidade dos registros do conhecimento e a história cultural dos objetos destacam-se como campos de pesquisa que ressignificam contextos, abordagens e narrativas da produção científica na atualidade.

Baudrillard (1992), ao tratar sobre a semiologia dos objetos, defende que as coleções se inserem em um sistema de signos que constrói identidades e significados. O autor destaca que nossos objetos cotidianos, especialmente aqueles que adquirimos e dedicamos maior atenção e posse, são frutos de paixões individuais.

Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que faz sentido, uma propriedade, uma paixão (BAUDRILLARD, 1992:94).

Além de sua função prática, o objeto colecionado adquire, para o colecionador, a função de ser possuído, assumindo um estatuto social. Ao ser abstraído de sua utilidade, o artefato passa a ocupar um lugar estritamente subjetivo: “torna-se objeto de coleção” (BAUDRILLARD, 1992:94).

Ainda no século XIX, no âmbito das coleções, proliferaram bibliotecas pessoais, fruto de paixões intelectuais e humanas, muitas delas luxuosas e privadas. O caráter material das obras, como encadernações, tipos de papel e ilustrações, é frequentemente detalhado em inventários de coleções pessoais destinadas à venda ou doadas a instituições de preservação da memória. Esses catálogos não apenas listam os volumes, mas também oferecem comentários e descrições que refletem a valorização estética e patrimonial dos acervos (CALDERONE, 2017), em sua singularidade absoluta. Nesse sentido, “A qualidade específica do objeto, seu valor de troca, depende do domínio cultural e social” conforme aponta Baudrillard (1992:98).

É possível observar, no que concerne ao colecionismo, uma certa devoção ao objeto livro por parte dos colecionadores, sobretudo em relação à sua materialidade, forma e marcas evidentes, muitas vezes mais valorizadas do que o conteúdo textual. O interesse recai sobre uma edição específica, a encadernação, a tipografia, as marcas de uso e de pertencimento, como *ex-libris*, anotações manuscritas, dedicatórias ou carimbos, elementos que conferem ao objeto um caráter de autenticidade e singularidade. Entretanto, quando nos referimos às coleções pessoais de cientistas e pesquisadores, o conteúdo adquire grande valor de conhecimento e sentidos.

McKenzie (2005) expande o conceito de bibliografia material ao incluir os aspectos sociológicos da produção textual, propondo que o estudo do objeto livro deve considerar não apenas suas características físicas e formais, mas também os contextos sociais, culturais e institucionais que influenciam sua produção, circulação e recepção. Para esse autor, os livros são artefatos sociais cujas formas carregam sentidos, e sua produção envolve múltiplos agentes, práticas e mediações. De fato, é difícil compreender a estética do livro sem levar em conta sua trajetória histórico-cultural, seus contextos, marcas, articulações e, sobretudo, a maneira como esse suporte comunica, ao longo do tempo, a trajetória intelectual daqueles que o possuíram. O sentido de um texto, portanto, está profundamente relacionado tanto aos sujeitos que o produzem e ao tempo em que é produzido, quanto àqueles que dele se apropriam – seus leitores.

As marcas de proveniência, em especial, reforçam a compreensão do livro como artefato resultante não apenas de uma trajetória intelectual, mas profundamente humana de seu colecionador. Elas revelam uma cartografia singular dos percursos trilhados, dos saberes apreendidos e partilhados e, sobretudo, das paixões literárias e profissionais que se concretizam em gestos como a aquisição de um livro em um sebo durante uma viagem, ou o recebimento de um exemplar autografado por um autor querido que representa gesto profundamente singular. Nesse sentido, as coleções pessoais oferecem aos pesquisadores vestígios da história das práticas de leitura e escrita, funcionando como fontes que revelam tanto trajetórias individuais quanto processos coletivos de circulação do conhecimento (CHARTIER, 1998).

No campo da história cultural, autores como Roger Chartier (1998) e Jean Hébrard (2004) destacam que o objeto livro, ao ser incorporado a uma coleção, carrega múltiplos sentidos que ultrapassam seu conteúdo textual. A materialidade, por exemplo, suas edições,

encadernações, marcas de uso, constitui uma forma de inscrição do saber em suportes que interagem com o tempo.

Ao discutirmos as coleções pessoais integradas ao patrimônio documental das instituições acadêmicas, identificamos quatro diferentes dimensões de significação que podem ser observadas e relacionadas, *tempo* e *materialidade*, *uso* e *intencionalidade*. Essas dimensões remetem a aspectos que coexistem sob diversas perspectivas, como os significados histórico, afetivo, estético, intelectual e profissional.

2.1. Tempo e materialidade

Vários são os autores que se dedicam a pensar acerca do *tempo* e suas manifestações na sociedade. Citemos, por exemplo, Certeau (1982), Elias (1998) e Ricoeur (2000). No âmbito das pesquisas metodológicas relativas à história cultural do livro e sua materialidade, o tempo tanto pode ser evidenciado como *categoria de análise* quanto como *dimensão de análise*. Ou seja, se tratado no que concerne a uma perspectiva transversal, que atravessa o objeto em contextos histórico, cultural, social ou informacional, por exemplo, é possível observar trajetórias, rupturas e continuidades que nos ajudam a compreender permanências ou transformações, especialmente relacionadas às práticas de leitura e de apropriação.

O tempo como categoria de análise, trata-se de um conceito operatório que, de acordo com Norbert Elias, ajuda-nos a classificar, organizar e interpretar um fenômeno. Elias (1998) compreende o tempo como uma construção social, uma síntese simbólica que relaciona práticas coletivas e ritmos sociais. Nesse sentido, o tempo é uma categoria de mediação entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, podemos articular diferentes temporalidades: institucional, vivida, simbólica, histórica, etc. Assim, mediada pela materialidade dos objetos colecionados, identificamos várias camadas de tempo que nos permitem entrelaçar as transformações ocorridas na evolução do impresso, particularmente presentes nas coleções pessoais.

É interessante, portanto, compreender a dimensão social do tempo que atravessa a história do livro, sua construção material e seus processos de produção, pois esses elementos estão diretamente associados ao que Elias (1994) denomina “processo civilizador”. Nessa perspectiva, pensemos na produção em massa do livro impresso, que possibilitou uma ampla disseminação do conhecimento e inaugurou o que podemos compreender como um novo tempo histórico, marcado por uma crescente consciência coletiva acerca do papel desse instrumento na transmissão do saber. Tal consciência influenciou diretamente não apenas as estruturas de poder, mas também os movimentos sociais e lutas políticas que se evidenciaram ao longo dos últimos dois séculos.

Em *A Escrita da história*, Michel de Certeau (1982), ao analisar como o saber é produzido e reproduzido ao longo do tempo histórico, destaca uma construção narrativa que envolve relações de poder e linguagem entre o passado e o presente. O autor chama atenção para o fato de que,

Durante a movimentação que desloca os termos da relação inicial, esta própria relação é o lugar da operação científica. Mas é um lugar cujas mutações, como um flutuador no mar, seguem os movimentos mais amplos das sociedades, suas revoluções econômicas e políticas, as relações complexas entre gerações

ou entre classes etc. A relação científica reproduz o trabalho que assegura a certos grupos a dominação sobre os outros, a ponto de fazer deles objetos de sua posse; mas atesta, também, o trabalho dos mortos que, por uma espécie de energia cinética, se perpetua, silenciosamente, com as sobrevivências de estruturas antigas (CERTEAU, 1982:43).

Esse pensamento revela modos específicos de conceber e produzir história, ciência e cultura em contextos histórico e culturalmente situados, os quais, como afirma Certeau (1982:43), “definem a época ou a categoria social à qual pertence”. Assim, o autor argumenta que o historiador ocupa um lugar social e um tempo específico, dedicados ao registro e à interpretação do passado. Ao considerarmos o livro como testemunho material dos rastros e vestígios deixados pelos indivíduos, torna-se evidente que o tempo de sua produção nem sempre coincide com o tempo de sua leitura, de suas práticas sociais ou da análise historiográfica a que é submetido posteriormente. Nesse contexto, a análise da materialidade dos livros, ou de outros vestígios do passado encapsulados em artefatos documentais, permite reconhecer rupturas e continuidades nas formas como o conhecimento foi veiculado, apropriado e interpretado ao longo do tempo.

No que concerne à materialidade do livro, os leitores e seu tempo, Chartier (1998) destaca que a leitura está vinculada à forma material do objeto que a possibilita. Trata-se, portanto, não apenas de um suporte físico passivo, mas de um artefato que atua de forma dinâmica sobre as práticas de leitura em cada época. Pensemos, por exemplo, nos leitores de manuscritos medievais ou dos primeiros impressos, e em todo o esforço corporal envolvido no ato de ler. A leitura desses objetos exigia posturas corporais específicas, a exemplo da movimentação da cabeça para ler em grandes formatos. Também pode ser condicionada por fatores culturais ou religiosos como a leitura silenciosa ou mesmo em voz alta. Desse modo, o suporte condiciona as formas de leitura, os modos de apropriação do texto e até os gestos corporais do leitor. A experiência da leitura é também uma manifestação cultural, ou mesmo religiosa, assim, é sempre historicamente situada e materialmente mediada. Ou seja, o modo como o leitor interage com o texto é determinado não apenas por seu conteúdo, mas também por dispositivos materiais, sociais e simbólicos que envolvem o ato de ler em sua temporalidade.

2.2. *Uso e intencionalidade*

Ao discutirmos sobre tempo e materialidade do texto impresso, mais especificamente do objeto livro enquanto artefato que constitui uma coleção, é importante notar que a evolução física do livro não é um mero detalhe técnico, mas um elemento intrinsecamente ligado às transformações de longo prazo das sociedades, como o processo civilizador, à percepção e organização do tempo social (memória, passagem do tempo, etc.) e às redes de interdependência que conformam o campo cultural e intelectual. A materialidade do livro, nesse sentido, configura-se como um artefato que tanto reflete quanto molda as figuras sociais e os processos temporais amplamente analisados por Elias (1994).

A percepção de um objeto ao longo do tempo adquire diferentes dimensões de *uso e intencionalidade*. Cataldo e Loureiro (2019:4) salientam que “tais objetos deixam de cumprir finalidades práticas e passam a remeter uns aos outros e ao indivíduo, constituindo assim um sistema que busca reconstituir o mundo”. No caso de um documento pertencente a uma coleção pessoal, por exemplo, Darnton (1990:152) argumenta que “o estudo das

bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o ‘quê’ com o ‘quem’ da leitura”. Nesse sentido, historiadores do livro, da bibliografia material e da leitura têm concentrado esforços em investigar não apenas o conteúdo, mas também a estrutura, a forma, os modos de produção, circulação e apropriação dos impressos.

No que concerne à sociologia dos textos, McKenzie (2005) advoga que para além da materialidade do artefato e de seus signos, existe o agente humano e suas práticas simbólicas que, como destaca Landi (2021:46), a “historicidade imanente, às práticas técnicas e sociais de produção, de reprodução e de recepção que lhe deram sentido e o tornaram fruto daquele tempo”. Portanto, ao nos referirmos ao uso dado a um determinado artefato informacional, como um livro de coleção, entendemos que há também a intencionalidade do colecionador. Esta transcende a lógica da funcionalidade original ou mesmo as intenções do autor para adentrar no contexto das referências e das fontes de informação, adquirindo sentidos simbólico, afetivo, cultural ou científico – no caso das coleções organizadas por pesquisadores.

A criação de uma biblioteca pessoal ou de uma coleção particular parte de uma intencionalidade que ultrapassa a funcionalidade da obra em si e, além de expressar escolhas e afetos, constitui percursos intelectuais e visões de mundo. O colecionador, imerso em um contexto histórico-social, constrói uma narrativa de si e do contexto no qual habita de forma intencional, seja como leitor, escritor, pesquisador ou docente. Essa intencionalidade também se manifesta no modo como os livros são organizados, classificados, anotados, protegidos ou compartilhados. Nesse sentido, a biblioteca pessoal pode ser entendida como um espaço de inscrição simbólica, um campo de referência ativa e do campo social. Como salienta Chartier,

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando (CHARTIER, 2002:27).

As coleções, sejam pessoais, patrimoniais ou institucionais, operam sobretudo no campo da memória, da identidade e do valor cultural, à medida em que ressignificam trajetórias individuais ou coletivas em relação às práticas e saberes que as constituíram. Nesse contexto, estabelece-se uma relação que transcende a posse do objeto colecionado: ele deixa de ser apenas um artefato útil ou admirável e passa a assumir a função de documento, algo a ser preservado, estudado e compartilhado, por se configurar como referência para a pesquisa histórica sobre determinado acontecimento ou saber específico.

Fèbvre e Martin (1999) destacam que a história do livro é também a história de sua apropriação por diferentes públicos. As coleções pessoais, ao migrarem da esfera privada para a pública, reconfiguram-se como fontes de memória coletiva e ampliam o repertório de referências disponíveis para o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Além disso, passam a ter outras finalidades especialmente no que concerne tanto à sua materialidade quanto ao uso, pois conferem perspectivas singulares sobre um conteúdo específico e

delineiam redes de sociabilidade, produção e circulação do conhecimento de um determinado tempo histórico-cultural.

3. Coleções pessoais patrimonializadas: gestão, preservação e acesso

Conforme apresentado na introdução deste artigo, esta pesquisa desenvolve-se empiricamente no contexto da Bibliothèque des livres rares et collections spéciales (BLRCS) da Université de Montréal (UdeM). O objetivo do estudo é compreender os processos de gestão, preservação e acesso às coleções pessoais patrimonializadas por essa instituição. Interessa-nos, em especial, analisar de que modo as coleções pessoais passam a integrar o patrimônio documental universitário canadense e, sobretudo, o que representam enquanto referências e fontes de informação relevantes para a pesquisa científica, valorização patrimonial e divulgação para a comunidade acadêmica e sociedade civil.

De acordo com Bellotto (2004), uma coleção pessoal pode ser composta por diversos tipos de materiais, como os audiovisuais e iconográficos, assim como o conjunto de papéis resultantes da vida e das atividades de pessoas e personalidades cujo pensamento e atuação contribuíram para a construção da sociedade, da ciência, das artes, da literatura, da política, da educação, entre outras áreas. Ao ser integrada a um acervo institucional acadêmico, uma coleção pessoal adquire um novo estatuto, possibilitando a ressignificação do papel que suas obras desempenhavam enquanto artefatos de uso privado e expressão de interesses individuais. Nesse novo contexto, os livros deixam de ser objetos de pertencimento exclusivo para se tornarem elementos de circulação e troca de saberes, assumindo uma função institucional e coletiva. Assim, essas coleções passam por um processo de patrimonialização que lhes confere outro estatuto simbólico, administrativo e social, atribuindo-lhes uma nova finalidade: entrelaçar trajetórias pessoais à história coletiva de grupos de pesquisa e de produção do conhecimento.

Compreende-se a importância de que a coleção preserve traços identitários de seu criador, permanecendo como referência simbólica de sua trajetória intelectual, afetiva e memorial. Nesse sentido, impõem-se algumas reflexões sobre o destino dessas bibliotecas pessoais ao serem incorporadas por universidades ou outras instituições acadêmicas: que interesses se manifestam na aquisição de uma coleção pessoal? Trata-se de uma ruptura ou do desejo de continuidade, de referência e de permanência? A resposta a essas questões exige considerar os múltiplos fatores envolvidos nesse processo. Em muitos casos, a incorporação de uma biblioteca pessoal por uma instituição acadêmica resulta de um reconhecimento da relevância intelectual dos artefatos reunidos e das contribuições científicas e/ou literárias de seu proprietário. A doação ou aquisição por instrumentos diversos pode ser motivada tanto pela vontade do colecionador de perpetuar sua memória quanto pelo interesse da instituição em preservar testemunhos materiais de trajetórias científicas, culturais ou literárias singulares. Nesse ato, há simultaneamente um movimento de salvaguarda e de projeção, assim como o reconhecimento do valor intelectual e científico dos materiais colecionados.

O ingresso dessas coleções em espaços institucionais envolve decisões complexas de gestão, especialmente no que se refere ao espaço de guarda, curadoria, tratamento técnico, conservação e formas de acesso. Frequentemente, esse processo exige a reorganização

física e a redefinição da disposição da coleção, o que pode contrariar a lógica original de sua constituição desenhada por seu colecionador e, em certos casos, não conta com a anuência do proprietário, se doada em vida. A patrimonialização dessas bibliotecas implica transformações necessárias, visando assegurar sua continuidade e visibilidade ao integrá-las a uma nova ordem institucional. Reconhecer essa dinâmica é importante para formular políticas de gestão, preservação e mediação que respeitem a singularidade das coleções, ao mesmo tempo em que ampliem o acesso e integração ao patrimônio cultural. Nesse sentido, é imprescindível que as instituições que as acolhem elaborem políticas específicas, abrangendo tanto o plano técnico quanto o simbólico.

A gestão dessas coleções exige, inicialmente, um trabalho minucioso de identificação e descrição dos itens que as compõem, que podem estar integrados e reunidos em um termo de diagnóstico. A descrição deve levar em conta não apenas os dados bibliográficos tradicionais, mas também os elementos contextuais que revelam o percurso da obra e de seu colecionador: anotações manuscritas, dedicatórias, ex-libris, carimbos, fichas de leitura, entre outros. Esses indícios materiais, frequentemente não destacados nos processos tradicionais de catalogação, têm sido cada vez mais valorizados pelos estudos da história do livro e da leitura, pois permitem reconstruir práticas intelectuais e trajetórias pessoais.

A organização interna da coleção, os modos de arranjo, de classificação e de uso, também podem oferecer pistas relevantes sobre a lógica do colecionador e sobre os modos de leitura e de pesquisa que orientaram sua constituição. Preservar essa ordem original, sempre que possível, é uma estratégia recomendada para manter a integridade simbólica da coleção.

No que diz respeito à preservação, as coleções pessoais frequentemente apresentam desafios específicos. Muitas vezes, foram armazenadas em condições pouco adequadas, o que exige ações de conservação preventiva ou mesmo de restauro. A avaliação do estado físico dos itens é etapa necessária para a definição de prioridades e para o planejamento de intervenções técnicas. Por outro lado, a digitalização parcial ou integral das coleções tem sido uma estratégia cada vez mais adotada nas políticas de gestão, não apenas como recurso de salvaguarda, mas também como forma de ampliar o acesso, a divulgação e a visibilidade das obras e da própria biblioteca.

A dimensão do acesso é decisão estratégica a ser considerada no processo de patrimonialização. Ao tornarem-se públicas, essas coleções devem estar disponíveis para consulta e pesquisa. Contudo, o acesso não deve ser entendido apenas em termos de disponibilização física ou digital, mas também como a capacidade de contextualizar, interpretar e mediar o acervo junto aos diferentes públicos. Para isso, exposições, publicações, ações educativas e projetos colaborativos são instrumentos importantes de difusão e de valorização.

A importância das coleções pessoais institucionalizadas reside em múltiplos aspectos: como testemunhos materiais de tradições científicas, literárias e intelectuais; na articulação de saberes frequentemente pouco contemplados pelas estruturas curriculares dos projetos pedagógicos; e, ainda, na preservação de exemplares raros, únicos ou esgotados, permitindo o acesso público a documentos anteriormente restritos à esfera privada e, no caso das universidades, fundamentais para o desenvolvimento científico. Esse acesso pode ocorrer por meio do próprio documento físico, de fac-símiles ou, ainda, por

meio de repositórios e catálogos digitais, estes últimos cada vez mais utilizados por instituições públicas e privadas que detêm a posse dessas coleções e recursos tecnológicos.

Recorrendo ao pensamento de Nebbiai (2004), ao se referir às bibliotecas medievais, é possível inferir que as bibliotecas pessoais não são apenas espaços de conservação de livros, mas também lugares de cultura que contribuem para a difusão do conhecimento. Ao serem incorporadas aos acervos institucionais, seja através de doações ou outros meios de aquisições, essas coleções adquirem novos significados: passam a integrar a memória intelectual da universidade, simbolizando a contribuição individual de seus protagonistas para a formação de comunidades acadêmicas, a exemplo dos grupos de pesquisa constituídos ao longo de suas trajetórias, e para o desenvolvimento de campos disciplinares específicos.

Nessa perspectiva, por meio dessas coleções, torna-se possível reconstituir redes sociais e de conhecimento formadas no espaço acadêmico, revelando as complexidades do fazer científico, bem como práticas pessoais e colaborativas de leitura e pesquisa. Como observa McKenzie (2005), os livros, enquanto objetos materiais, registram não apenas textos, mas também as intenções dos autores, as intervenções dos editores e as práticas dos leitores, sendo, assim, documentos complexos cuja forma física está inteiramente ligada à sua função social.

3.1. Bibliothèque des livres rares et collections spéciales (BLRCS) da Université de Montréal (UdeM)

A Bibliothèque des livres rares et collections spéciales da Université de Montréal, inaugurada em 1987, consolidou-se como um espaço de preservação, valorização e acesso ao patrimônio bibliográfico raro, especial e precioso reunido pela universidade ao longo de sua trajetória. Sua base constituiu-se a partir da reunião de obras dispersas em diferentes setores da rede de bibliotecas da instituição, em particular documentos provenientes da *Collection Louis-François-Georges-Baby* e de cerca de trinta outras coleções, com ênfase na história e na cultura do Québec e do Canadá francês.

Aberta tanto à comunidade acadêmica quanto ao público em geral, a biblioteca reúne um acervo de cerca de 150 mil itens provenientes de diferentes épocas, incluindo manuscritos em pergaminho, incunábulos, edições especiais, gravuras, mapas, objetos e arquivos pessoais. Uma parte significativa desse acervo é composta por obras impressas entre os séculos XV ao XIX, muitas das quais pertenciam a coleções pessoais de professores, intelectuais, cientistas, pesquisadores, políticos e bibliófilos. O interesse dessas pessoas em preservar e compartilhar o conhecimento acumulado ao longo de suas trajetórias contribuiu decisivamente para a formação dos conjuntos bibliográficos e documentais que constituem o acervo da biblioteca.

A incorporação de documentos ao acervo da BLRCS está condicionada à observância de critérios específicos para a avaliação do conjunto, conforme detalhado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Critérios adotados pela BLRCS

<p>1. Data de publicação</p> <p>a. Obras que tratam de literatura, ciências humanas, direito e ciências religiosas: publicação anterior a 1900.</p> <p>b. Obras que tratam de ciências, incluindo medicina: publicação anterior a 1920. (Para documentos mais recentes, cada equipe poderá submeter qualquer título considerado relevante)</p>
<p>2. Presença de uma dedicatória, autógrafo, anotações manuscritas, ex-libris ou qualquer outra marca de proveniência particular.</p>
<p>3. Pertencimento a uma coleção histórica da UdeM, coberto, em princípio, pelo critério anterior.</p>
<p>4. Primeira edição de grandes autores ou grandes cientistas.</p>
<p>5. Valor de mercado.</p>
<p>6. Características materiais: formato, suporte especial (papel artesanal, seda etc.), edições de luxo (encadernação em couro, assinadas, com brasões etc.), álbuns com pranchas fora do texto.</p>
<p>7. Periódicos efêmeros (6 números publicados ou menos).</p>
<p>8. Tiragem limitada ou edições esgotadas.</p>
<p>9. Folhetos e cartazes com valor histórico.</p>

Fonte: Traduzido e adaptado do documento: *Critères d'examen des documents avant transfert à la BLRCS, Adopté à la 406e réunion du Comité de régie, le 11 avril 2017.*

Além de seu papel patrimonial e custodial, a Bibliothèque des livres rares et collections spéciales desempenha funções pedagógicas e de pesquisa, atuando como um laboratório para cursos de graduação e pós-graduação, especialmente nas áreas de história do livro, arquivologia, biblioteconomia, estudos literários, direito, artes e humanidades. Durante o ano, diversas formações são ofertadas à comunidade acadêmica a exemplo dos ateliês de pesquisa em documentos antigos.

Como forma de incentivar a pesquisa científica acadêmica nas coleções especiais, criou-se, em 2019, a *Bourse Geneviève-Bazin*, concedida anualmente. O prêmio constitui uma iniciativa emblemática de estímulo à pesquisa sobre o patrimônio bibliográfico e documental da biblioteca. O nome homenageia a bibliotecária Geneviève Bazin, primeira bibliotecária chefe do Service des collections spéciales da UdeM. A bolsa tem como objetivo valorizar o estudo por meio da exploração das coleções especiais da universidade, incentivando estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores a aprofundarem seus trabalhos com base nos acervos documentais. A cerimônia de entrega é também um momento simbólico de reconhecimento do compromisso da BLRCS com a preservação, mediação e difusão do patrimônio. Ao promover esse prêmio, a biblioteca reafirma seu papel como espaço de convergência entre a conservação, a produção e a difusão do conhecimento, estimulando abordagens interdisciplinares e inovadoras.

Os projetos contemplados pela *Bourse Geneviève-Bazin* costumam abordar temas ligados à história do livro, práticas de leitura, história intelectual, bibliografia material, artes gráficas, literatura e ciências humanas, sempre com base em fontes primárias conservadas na biblioteca. Ao facilitar o acesso às coleções e oferecer apoio financeiro aos pesquisadores, a BLRCS contribui para a valorização do patrimônio documental como campo dinâmico de investigação e de ensino. Na edição 2024-2025, a bolsa foi concedida a um estudante de doutorado do Departamento de Literaturas de Língua Francesa, por sua pesquisa sobre o estoicismo nas obras de Blaise Pascal.

Como forma de integrar a comunidade acadêmica, os pesquisadores e a sociedade civil em torno da valorização do patrimônio documental, a BLRCS lançou a campanha *Adoptez un livre: un patrimoine à protéger*. A iniciativa tem como objetivo angariar recursos destinados à restauração de obras únicas e raras da biblioteca. Os valores das doações variam de acordo com a natureza da intervenção necessária, sendo fixados conforme os seguintes parâmetros: confecção de caixas de acondicionamento (entre 400 e 500 dólares); encadernação de livros raros (entre 800 e 1.500 dólares); restauração de encadernações de livros raros (entre 1.000 e 2.500 dólares); e restauração de cartazes antigos (entre 1.500 e 3.000 dólares). Em 2024, cinquenta livros foram restaurados graças à campanha, totalizando 55 mil dólares arrecadados por meio das doações. Entre os exemplares recuperados, destacam-se *Les Principales aventures de l'admirable Don Quichotte* (1776) e *Terre des hommes* (1939), de Antoine de Saint-Exupéry, dedicado a Jean Bruchési, então subsecretário da província do Québec.

No contexto das práticas de mediação, observa-se, por parte da equipe gestora da BLRCS, o empenho sistemático com o acesso e a difusão do acervo sob sua custódia. Tal compromisso se materializa por meio de iniciativas como as visitas guiadas abertas ao público, destacando a atividade intitulada *Les Mardis des livres rares*, realizada na primeira terça-feira de cada mês, bem como por meio da organização de exposições temáticas que evidenciam as singularidades e os conteúdos das coleções preservadas. Dentre essas iniciativas, citamos a exposição promovida em julho de 2025, intitulada *Le Canada de Jules Verne*, concebida para marcar os 120 anos do falecimento do escritor. A mostra buscou também ressaltar a relação simbólica de Verne com o Canadá, país que ele não chegou a visitar, mas que constituiu cenário e inspiração para diversas de suas obras, como *Le Pays des fourrures*, *Famille-Sans-Nom* e *Le Volcan d'or*, cujos exemplares originais integram o acervo da biblioteca.

Cabe destacar que a digitalização das coleções integra o plano estratégico de gestão e as políticas de inovação em andamento da BLRCS. Essa iniciativa vem sendo executada na própria biblioteca, que dispõe de equipamentos adequados para esse fim. Entre os principais objetivos da digitalização destacam-se: a preservação das coleções, a valorização da memória patrimonial e a ampliação do acesso, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade civil.

4. Considerações finais

Ao concluirmos este estudo, cabe ainda trazer algumas reflexões sobre a temática das coleções pessoais patrimonializadas por instituições acadêmicas. A literatura especializada consultada indica que a valorização desses conjuntos documentais depende da adoção de políticas integradas de gestão da informação, que articulem ações de preservação, representação simbólica, tratamento técnico, acesso e difusão, como destacam Cavalcante, Sales e Guerra (2024). Além disso, é fundamental que as instituições responsáveis pela custódia dessas coleções assumam o compromisso de manter viva a memória e a trajetória de seus antigos proprietários, reconhecendo sua relevância para a transmissão do saber e a pesquisa científica.

Contudo, a incorporação dessas coleções aos acervos institucionais impõe desafios significativos. A gestão adequada requer o desenvolvimento de políticas específicas de

curadoria, conservação e tratamento técnico. A digitalização, a catalogação especializada e, em muitos casos, o restauro físico dos materiais são ações fundamentais para garantir a longevidade das obras, a acessibilidade e o uso pedagógico e científico desses acervos. A ausência de protocolos institucionais estruturados pode, por sua vez, comprometer a integridade das coleções enquanto testemunhos pessoais, históricos e científicos, daí a importância da definição de critérios para a composição dos acervos.

As coleções pessoais podem ser compreendidas como formas de resistência de seus proprietários, nas quais se observam o desejo de permanência na história e o esforço, muitas vezes solitário, de construir significado em torno de uma temática de estudo pioneira. O olhar persistente, silencioso e individual ressoa nas evidências materiais que permanecem simbolicamente em cada artefato, assinatura, anotação ou comentário, elementos que reconstituem práticas de leitura e evidenciam aspectos da história da cultura escrita em diferentes tempos, lugares e contextos.

Por fim, a gestão de coleções pessoais patrimonializadas demanda uma abordagem técnica, científica e profissional de caráter interdisciplinar, articulando saberes da biblioteconomia, da arquivologia, da museologia, da história e da ciência da informação. Mais do que conservar livros ou documentos, trata-se de custodiar memórias, saberes, conhecimentos e sentidos. Dessa forma, essas coleções constituem um campo privilegiado para reflexões sobre o valor do conhecimento acumulado, sobre os modos de transmissão cultural e sobre os desafios contemporâneos da preservação, acesso e difusão do patrimônio intelectual.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. N. M.

2019 Afinal, os objetos falam?: Reflexões sobre objetos, coleções e memória. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20º, Porto Alegre, 2019 - *Anais* [...]. Porto Alegre: ENANCIB, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/123799>.

BAUDRILLARD, J.

1992 *O Sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BELLOTTO, H. L.

2004 *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CALDERONE, A.

2017 Les Bibliothèques d'amateurs au XIX^e siècle: œuvres transitoires cherchent mémoire. *Romantisme*. [Em linha]. 177 (2017) 54-63. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-romantisme-2017-3-page-54?lang=fr>.

CAVALCANTE, L. E.; SALES, O. M. M.; GUERRA, M. A. M. A.

2024 Interseções entre memória institucional, representação da informação e gestão do conhecimento. *Em Questão*. [Em linha]. 30 (2024). Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/299070>.

CERTEAU, M. de

1982 *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, R.

2002 *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, R.

1998 *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

DARNTON, Robert

1990 *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, N.

1994 *O Processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, vol. 2.

ELIAS, N.

1998 *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FÈBVRE, L.; MARTIN, H.-J.

1999 *L'Apparition du livre*. Paris: Albin Michel, 1999.

HEYMANN, L.

2014 Coleções pessoais: entre a memória e a história. *Cadernos do Centro de Pesquisa e Formação*. 1 (2014) 89-108.

LANDI, T.

2021 Literatura e edição à luz da sociologia dos textos, de D. F. McKenzie. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*. [Em linha]. 43 (26 jul. 2021) 44-53. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i43p44-53>.

MCKENZIE, D. F.

2005 *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

NEBBIAI, D.

2004 *Le Discours des livres: les bibliothèques médiévales, entre imaginaire et réalité*. Turnhout: Brepols, 2004.

Lidia Lima | lidia@ufc.br

Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil